

Capítulo do livro *Nordeste Alentejano*, de José Martins Barata

O CONTRIBUTO DE JOSÉ PEDRO MARTINS BARATA PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS NO NORDESTE ALENTEJANO

Teresa Simão*

Ao longo do século XX, especialmente nos segundo e terceiro quartéis, muitos foram os trabalhos de variação dialetal desenvolvidos em Portugal; desde artigos diversos, a teses de licenciatura (muitas orientadas por Paiva Boléo e Lindley Cintra), atlas linguísticos, entre outros. Neste recanto do Nordeste Alentejano, destacamos a monografia linguística dedicada à vila de Nisa, da autoria de Maria Eduarda Carreiro.

Graças a essa diversidade, foi possível registar as principais características de muitas variedades regionais da língua portuguesa. Infelizmente, algumas delas não resistiram à evolução dos tempos e da demografia em determinados locais e desapareceram; outras há que ainda se mantêm vivas, constituindo marcas identitárias das gentes que as preservam.

No caso concreto das aldeias de Montalvão e Póvoa e Meadas, até ao momento, não foram alvo de nenhum estudo exaustivo sobre esta temática, pelo que o artigo publicado por José Pedro Martins Barata em 1966, na Separata da *Revista de Portugal – Série A: Língua Portu-*

*Teresa Simão é Doutorada em Linguística e Mestre em Ciências da Linguagem e da Comunicação pela Universidade de Évora, é docente e formadora de Língua e Cultura Portuguesa e Língua e Cultura Alemã.

É investigadora do CIDEHUS – Universidade de Évora, na área do Património Cultural Imaterial do Alentejo, com destaque para a etnologia e a dialectologia. É autora d' *O Falar de Marvão* e do *Dicionário do Falar Raiano de Marvão*, co-autora de *Marvão à Mesa com a Tradição*.

tuguesa, volume XXXI, intitulado “Apontamentos sobre a fala viva de Montalvão e Póvoa e Meadas, no extremo Norte do Alentejo”, ganha ainda mais relevância. Este autor, natural do Norte Alentejo, revelou sempre uma extrema preocupação em registar e salvaguardar determinadas particularidades do património material e imaterial da região, dedicando uma especial atenção às duas aldeias anteriormente citadas. No domínio da Linguística, em que apenas se considerava um “curioso”, pois esta não era a sua área de formação, as vinte páginas que constituem o artigo antes citado representam um importante, e único, contributo.

Neste trabalho, o autor apresenta-nos algumas notas sobre a pronúncia de Montalvão e Póvoa e Meadas, bem como de outras povoações localizadas nas proximidades, designadamente, Castelo de Vide, Alpalhão e Nisa. Seguem-se alguns “aforismos e frases vulgares”, bem como “frases soltas ditas em Montalvão e em Póvoa e Meadas”. A maior parte do artigo enquadra-se no subtítulo “Alguns termos da fala-viva no extremo norte do Alentejo”. Aqui ficamos a conhecer diversos vocábulos típicos das localidades em estudo; organizados por ordem alfabética, seguidos da sua explicação e, na maior parte dos casos, de um pequeno excerto em que a palavra surge contextualizada. No que diz respeito aos campos léxico-semânticos, este vocabulário designa, sobretudo, características físicas e psicológicas do Homem, bem como ações diversas. Quanto à classificação morfológica dos vocábulos, verifica-se um predomínio de adjetivos e verbos, sendo os restantes nomes.

Ainda que a recolha lexical não seja exaustiva, quando confrontada com outros estudos dialetais realizados em localidades próximas, constata-se a existência de vocabulário bastante peculiar, muito dele característico somente do falar destas duas aldeias. Esta realidade poderá estar relacionada com o facto de Póvoa e Meadas e Montalvão, especialmente a segunda, durante muito tempo, não disporem de boas vias de acesso e de estarem muito afastadas das suas sedes de concelho. O isolamento é deveras propício à manutenção das variedades linguísticas diatópicas.

Em 1966, José Pedro Martins Barata já temia a perda de particularidades da linguagem devido ao aumento da população, à facilidade de meios de comunicação, à redução da taxa de analfabetismo, à emigração e à migração. Em tudo acertou, exceto na primeira causa, pois o decréscimo de habitantes em ambas as localidades foi muito acentuado.

Longe vão os tempos em que ruas de Montalvão e Póvoa e Meadas se enchiham com as suas gentes. O pico demográfico que se verificou na década de 60 do século passado, precisamente quando o artigo de Martins Barata foi escrito, há muito que foi dando lugar a uma gradual desertificação, motivada, essencialmente, pela procura de melhores condições de vida. A migração, a emigração e a reduzida taxa de natalidade que se tem verificado nas últimas décadas contribuíram para que, cinquenta anos depois, poucos sejam os falantes da variedade regional registada pelo autor. Só nas tradicionais festas de verão ou pelo Natal, alguns filhos da terra regressam e põem em prática o falar da sua terra, mas muitos evidenciam já uma forte influência das comunidades em que entretanto têm estado inseridos.

Apesar de os falantes serem bem menos do que em 1966 e de algumas características da variedade do português aqui falada já se terem porventura perdido, a população envelhecida e algum isolamento provocado pelos maus acessos (especialmente no caso de Montalvão) continuam favoráveis à manutenção do falar local. Mesmo passados cinquenta anos, estamos certos de que a aplicação de inquéritos linguísticos nestas localidades ainda permitiria registar muitas curiosidades. Na verdade, seria de extrema importância o desenvolvimento de trabalhos de investigação linguística nestas duas aldeias, dando, assim, continuidade ao trabalho que Martins Barata iniciou e que, seguramente, gostaria de ver ampliado e aprofundado.